

za a Magia, torna-se o resultado idealista da absorção dos espíritos e do real pela idéia. A idéia, que transporta consigo a essência do real, torna-se então mais real do que o real, o qual ela domina ou expulsa. Aqui ganha sentido a genial intuição de Wittgenstein: “A eliminação da magia [pela teoria] tem... o caráter da magia”.

Há, nessas condições, não somente reificação (a palavra é adequada) da idéia, mas poder verdadeiramente mágico¹⁴ e mítico da idéia. Ela torna-se poder de posse sobre o real, quase no sentido do vodu do termo.

O idealismo não poupou, de modo algum, o mundo das teorias científicas; ao contrário, a sua abstração matemática e a sua concordância com as “leis” da Natureza favoreceram uma idealização particular que Whitehead chamou de “concretude mal colocada” (*the fallacy of misplaced concreteness*). Ele dizia da física clássica: “Essa concepção do universo está solidamente construída em termos de alta abstração e... tomamos, por engano, as nossas abstrações por realidades concretas” (Whitehead, 1930, p. 79). Tudo o que foi jogado fora como não-assimilável pelas teorias científicas foi considerado como subproduto do real, epifenômenos, logros, ruídos: a existência, o sujeito, as coisas singulares, os conjuntos orgânicos, em suma, a verdadeira concretude. O conceito, a lógica, a matemática, o sistema, roubaram essa concretude ao real. Os conceitos decisivos das próprias teorias científicas encarregaram-se de uma substancialização absoluta; assim foi, durante muito tempo, com a noção de matéria; depois, ocorreu o mesmo com a energia, noção reificada, embora seja, em si, inapreensível e só apareça através das suas manifestações físico-químicas; depois, entre alguns, a informação tornou-se um ser concreto e soberano, embora só exista na computação e na comunicação.

Foram, sobretudo, as entidades matemáticas, os seres de espírito menos dotados de existência física, que se dotaram da realidade física suprema. Já indicamos que os números matemáticos passam naturalmente à existência noológica e assim à sobre-existência pitagórica. Acrescentemos, agora, que se tornam não somente mestres do real, obedientes às suas ordens, mas a essência do real. Levando ao extremo idealista a expressão de Galileu,

pela qual o livro da Natureza está escrito em linguagem matemática, um Eddington conclui que o universo é inteiramente feito de matemáticas. O real físico é assim substituído pelo real noológico.

O idealismo torna-se, portanto, o estágio supremo da apropriação do real pela idéia. O idealismo filosófico nada mais é do que um caso particular de idealismo, não menos presente no materialismo dos físicos. O idealismo é o mito natural da idéia. A racionalização, a arma mágica da idéia contra o real. As teorias científicas apresentam-se mais bem armadas contra a racionalização, mas os *themata* e os paradigmas, aos quais devem obedecer, favorecem poderosamente a sua tendência ao idealismo. É necessário que o ecossistema humano lhes forneça um ingrediente fortemente empirista (a crença de que o real está nos fatos, não nas idéias ou na fórmula matemática) ou um ingrediente fortemente místico (a crença em que as verdades profundas estão além do conceito e do discurso) para contrabalançar a tendência natural das entidades logomorfias ao idealismo.

Claude Bernard dizia que “os sistemas tendem a subjugar o espírito humano”. É subjugando o real que a idealização e a racionalização subjagam o espírito humano. E, como veremos, são as doutrinas e ideologias sobrecarregadas de substância mitológica ou religiosa que amplificam essas tendências.

A inveterada tendência humana a tomar o mapa pelo território, a palavra pela coisa, a idéia pela realidade, encontra aqui uma das suas fontes no modo de existência dos seres de espírito? Ainda aqui, o remédio só pode estar na abertura do sistema teórico, o qual depende da abertura do espírito humano, isto é, de sua aptidão crítica e autocrítica, favorecida pelas situações culturais pluralistas e abertas.

Podemos, agora, enunciar uma nova definição do sistema de idéias: *um sistema de idéias possui um certo número de aspectos auto-eco-organizadores que asseguram a sua integridade, a sua identidade, a sua autonomia, a sua perpetuação, e permitem-lhe metabolizar, transformar e assimilar os dados empíricos da sua competência; ele se reproduz através dos espíritos/cérebros em condi-*